

A INSERÇÃO DA MUSICOTERAPIA NA ROTINA DE VIDA DE UMA COMUNIDADE ALBERGADA

Carolina Batista*

Rosemyriam Cunha**

RESUMO

Este trabalho, de cunho qualitativo, aprovado em comitê de ética, apresenta reflexões referentes à inserção da Musicoterapia em uma instituição destinada ao albergamento de pessoas em processo de tratamento de saúde na cidade de Curitiba. Por meio do estudo dos registros de manifestações observadas em quatro encontros musicoterapêuticos, construiu-se um conjunto de dados referentes à participação da comunidade albergada em ações sonoras e musicais. Para o grupo de pessoas que participaram dos encontros de Musicoterapia a vivência musical se constituiu em um fator psicossocial que parece ter modificado aspectos inerentes à rotina da Instituição.

PALAVRAS-CHAVE

Musicoterapia Comunitária; Comunidade albergada; Atividades musicais.

ABSTRACT

This article is based on a qualitative, approach presents reflexions approach approved by an Ethical Committe, about the introduction of Music Therapy program in an institution that lodgde people in health treatment in Curitiba. The information observed in four music therapy meetings have resulted on data that revealed the participation of the community on sound and musical manifestations. For this group, Music Therapy has became a psychosocial element which influences could change the everyday routine in the institution.

KEYWORDS

Community music therapy, Lodgde people, Everyday routine.

Introdução

O estudo dos processos de inserção de ações musicoterapêuticas em comunidades é um campo que toma vulto, paulatinamente, na literatura da Musicoterapia. Estabelecer vínculos entre os fatores presentes no dia a dia das sociedades e entre os ritmos, sons e melodias que estas produzem, tem sido um desafio para o campo científico. No entanto, quando se trata de conhecer marcos identitários e

* Graduanda do Curso de Musicoterapia da Faculdade de Artes do Paraná (FAP) e graduanda do curso de Psicologia da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP). Contato: carol.batista@hotmail.com

** Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), musicoterapeuta professora da Faculdade de Artes do Paraná. Supervisora na área social e educacional. Contato: rose05@uol.com.br

costumes de vida, as manifestações artísticas se inserem como instrumentos de investigação em áreas como Sociologia, Antropologia e Filosofia, para citar algumas. As pesquisas da área da Musicoterapia também se preocupam em entender essas expressões, centrando-se na atividade sonora musical das pessoas.

Foi por esta perspectiva de entendimento que o presente trabalho foi desenvolvido. Procurou-se descrever aqui, sob a visão da Musicoterapia comunitária, os processos de implementação da Musicoterapia em uma instituição que alberga pessoas em tratamento de saúde na cidade de Curitiba.

Este estudo partiu de uma revisão de literatura na qual se procurou verificar a produção científica existente sobre o trabalho da Musicoterapia de âmbito comunitário. Após tomar conhecimento do conjunto de publicações específicas para a área de interesse dessa pesquisa, e, devido às peculiaridades do campo de estudo focalizado, foram selecionados, para a fundamentação teórica desse trabalho, autores da área da Musicoterapia, como Kenneth Bruscia (2000), Marly Chagas (2001), Patricia Pellizzari (2005) e Rosemyriam Cunha (2006).

No que se refere ao campo da Psicologia Social Comunitária os autores que contribuíram para a fundamentação conceitual aqui utilizada foram Silvia Lane (1992), Bernardes Neves (2003). Procurou-se, por meio desse recorte teórico, entender os elementos que descrevem e caracterizam a Musicoterapia Comunitária como também compreender se os fatores encontrados na realidade aqui investigada coincidem com a Musicoterapia Ecológica, conforme definida por Bruscia (2000).

Musicoterapia Ecológica/Comunitária

A Musicoterapia Comunitária se diferencia da terapia tradicional em grupo. Num grupo tradicional as pessoas são selecionadas de acordo com as necessidades em comum ou complementar, sendo que a proposta visa produzir mudanças individuais. Já no enfoque comunitário, a intervenção se dá em um ambiente natural com as pessoas que nele vivem ou trabalham (BRUSCIA, 2000). A Musicoterapia Comunitária apóia-se em conceitos da Psicologia Social Comunitária que considera o sujeito a partir do coletivo.

A inserção da Psicologia Comunitária no campo da Psicologia Social, por um lado, afirma a idéia de que o ser humano é construído sócio-historicamente e, ao mesmo

tempo, constrói as concepções a respeito de si mesmo, dos outros e do contexto social. A Psicologia Comunitária opera com o enquadre teórico da Psicologia Social crítica e propõe-se a compreender a constituição da subjetividade dos seres humanos numa comunidade, seja esta geográfica como, por exemplo, um bairro; ou psicossocial, como os participantes de um centro comunitário. Funda-se no respeito ao saber e às práticas dos sujeitos e atua predominantemente com grupos (LANE, 2006).

Os conceitos fundantes da Musicoterapia Comunitária, oriundos das teorias acima citadas, propõem o trabalho em comunidades onde vivem pessoas que têm histórias em comum, que compartilham serviços e áreas geográficas, com o objetivo de promover relações saudáveis naquele meio. Ela ultrapassa o *setting* de tratamento.

De acordo com Bruscia (2000), o musicoterapeuta ecológico tem o papel de abrir canais de comunicação que proporcionem um melhor relacionamento entre a comunidade e o meio circundante. Já Pellizzari (2005), fala que uma das incumbências da Musicoterapia é a de se fazer presente em projetos sociais, campanhas, jornadas de capacitação, multiplicar e de conscientizar os grupos de pessoas sobre a importância e o direito de saúde para todos. Assim, o musicoterapeuta pode desenvolver sua atividade em amplos setores da sociedade. O musicoterapeuta, nesta posição, deve desenvolver uma consciência clara sobre a sua função, seus objetivos e suas incumbências profissionais, ou seja, ser parte de uma instituição e/ou comunidade para gerar um marco de trabalho com projetos novos e inexistentes.

Numa comparação entre estas duas visões percebeu-se que o pensamento de Pellizzari tem um cunho comunitário, pois visa o bem coletivo e não só o bem individual. Por esta ótica, entende-se que a compreensão de Musicoterapia Comunitária neste trabalho seja diferenciada da noção de Musicoterapia Ecológica de Bruscia. Aqui estão consideradas idéias de coletivo, do bem-estar da comunidade, dos conflitos e contradições existentes no meio concreto no qual as pessoas convivem e vivem suas práticas cotidianas.

Revisão de Literatura

No decorrer da revisão da produção literária sobre a prática musicoterápica, foram encontrados trabalhos que relataram processos com pessoas portadoras de deficiências físicas, sensoriais, mentais, síndromes, doenças degenerativas, transtornos e distúrbios psíquicos. Nesta visão, a ênfase se deu na recuperação da saúde agravada por

alguma patologia ou na prevenção de doenças e de situações que ponham em risco a saúde. Existem trabalhos que rompem com a visão patogênica ao priorizar a promoção de saúde e se fundamentarem em abordagens da Musicoterapia Social. Nesta ótica, os estudos direcionaram-se para a obtenção de recursos e meios para mobilizar e conscientizar as pessoas, com o intuito de promover modificações no meio em que vivem (CUNHA, 2006; PELLIZZARI, 2005).

O conjunto dos trabalhos revisados mostrou duas visões distintas de abordagens nos textos produzidos na área da Musicoterapia nos últimos oito anos. As pesquisas que consideram a comunidade como objeto de estudo são recentes e observou-se nestas a permanência de traços epistemológicos da área clínica, com predominância de conceitos originados da psicanálise.

No presente trabalho, procurou-se observar os fenômenos manifestados por uma comunidade albergada, sob a perspectiva da Musicoterapia Social e Comunitária, já descrita. É a partir desta visão que se passa a considerar as características do grupo e do campo pesquisado.

Descrição do Grupo

A comunidade aqui em estudo hospedava-se em uma instituição de caráter beneficente num bairro central da cidade de Curitiba. O albergue acolhia pessoas que vinham de outras cidades, para Curitiba, a procura de atendimento médico especializado. A casa disponibilizava 149 vagas, sendo 50 masculinas e 50 femininas. Dentre estas, 10 vagas eram em quartos especiais, para pessoas gravemente enfermas e 39 vagas que instalavam doentes e acompanhantes. A demanda, porém, muitas vezes superava o número de vagas.

Embora a escolha pela hospedagem no albergue fosse uma opção pessoal, uma vez inserida ali, as pessoas se submetiam às normas e à convivência em espaços físicos em comum como os quartos, o refeitório, o pátio da casa. Esta condição determinava o convívio e a vivência de fatores em comum entre pessoas oriundas de diferentes lugares e realidades. Na comunidade albergada coabitavam pessoas que passavam por momentos difíceis e dolorosos em relação ao seu estado de saúde. Longe de casa e da família elas vivenciavam essa realidade junto a pessoas estranhas com quem compartilhavam essa mesma situação.

Os grupos que participavam das atividades de Musicoterapia se constituíam pelos hóspedes que aceitavam o convite dos estagiários para a participação e interação nos encontros. Como a população albergada era flutuante, a cada semana os estagiários se deparavam com um grupo diferente. Estes grupos se caracterizavam por uma formação heterogênea, ou seja, nele participavam homens, mulheres, crianças, pessoas saudáveis, pessoas com agravos de saúde e suas acompanhantes. O número de participantes variava de semana a semana, sendo, em média, 20 pessoas. Não havia a necessidade de conhecimento musical prévio e o trabalho se desenvolvia com base na vivência musical de cada pessoa.

Metodologia

Este trabalho foi desenvolvido sob o caráter da abordagem qualitativa, o que resultou em um estudo descritivo, cujo objetivo foi o de compreender as características de determinada população ou fenômeno. A construção dos dados aqui apresentados utilizou técnicas padronizadas de coleta: observação sistemática e transcrição das observações.

Para a elaboração da pesquisa, a coleta de dados foi feita através da interação com o campo, no qual foram observados os encontros de Musicoterapia. Com base em Minayo (1992), entende-se o campo de pesquisa como recorte que o pesquisador faz em termos de espaço, representando uma realidade empírica a ser estudada a partir das concepções teóricas que fundamentam o objetivo de investigação.

Os dados foram construídos por meio da observação e participação do pesquisador em quatro encontros musicoterapêuticos. Para o registro das informações foi utilizado um protocolo de observação, construído pelas autoras, com base em modelos de fichas de entrevistas musicoterapêuticas. Constaram deste protocolo os seguintes itens: data, local do encontro, número de participantes, participantes periféricos (pessoas que participavam das atividades posicionando-se fora da formação do grande grupo), estagiários presentes, canções solicitadas, temas discutidos, peculiaridades do encontro e depoimentos.

Com base neste conjunto de registros e da categorização das falas e canções dos grupos, um inventário de depoimentos verbais e uma listagem do repertório musical dos grupos foram gerados. As informações anotadas no diário de campo foram integradas a

esta análise por mostrarem impressões e aspectos não verbais que os outros instrumentos deixaram de captar.

Os encontros de Musicoterapia observados eram semanais e aconteceram em um amplo salão no qual as pessoas podiam repousar em sofás ou assistir televisão. As observações ocorreram nos meses de Outubro e Novembro do ano de 2008. Cinco estagiários coordenavam o encontro colocando-se entre os participantes. As pessoas albergadas, a pesquisadora e os estagiários formavam um grupo circular. É importante indicar que a opção pela participação no trabalho musicoterapêutico era de livre escolha da comunidade e que, no decorrer do encontro as pessoas podiam permanecer no grupo ou ausentar-se deste espaço de interação, conforme desejassem. No decorrer de todos os encontros foram anotadas observações no diário de campo e preenchido o protocolo de observação. Após a reunião do conjunto das informações, deu-se início à categorização, análise e interpretação das mesmas.

Análise dos Dados

Expressão Verbal

A expressão verbal dos grupos foi constituída por depoimentos pessoais, que no contexto deste trabalho, se referem às comunicações que informavam os nomes das pessoas e das suas cidades de origem como também o motivo pelo qual se encontravam albergadas. Os relatos de fatos vividos no passado, associados à música, revelaram as lembranças que emergiam no decorrer dos encontros, estimulados por canções significativas. Quanto aos comentários sobre as músicas, estes estavam associados às letras das músicas executadas.

Os participantes indagavam uns aos outros em busca de informações pessoais quando algum fato relatado despertava interesse do grupo. As opções religiosas também eram comentadas durante os encontros e os integrantes do grupo falavam de sua crenças e fé. As conversas sobre gostos e preferências pessoais se manifestaram nos momentos em que o grupo foi estimulado, pelos estagiários, a falar.

A expressão verbal foi sempre presente nos encontros. Essa forma de expressão foi citada por Pavilecevic (2004), como um suporte psicossocial na ação musicoterapêutica. No albergue as trocas verbais ocorriam desde os encontros informais

pelos corredores até no decorrer das atividades de Musicoterapia. A manifestação verbal era o primeiro meio de comunicação entre o grupo de albergados e os estagiários.

Nos corredores da instituição as pessoas perguntavam se haveria “a música”, era assim que o grupo se referia à Musicoterapia. Quando acomodadas em seus lugares no grupo, as pessoas eram estimuladas a se apresentarem. Com o início da atividade e a execução das músicas, diferentes temas emergiam, proporcionando momentos para que as pessoas falassem sobre assuntos de suas vivências. Nesses momentos surgiam os depoimentos sobre suas vidas por meio do relato das lembranças de fatos vividos no passado e associados à música.

Expressão Corporal

O posicionamento corporal do grupo foi caracterizado pela formação de um grande grupo acomodado em cadeiras posicionadas em círculo. O encontro musicoterapêutico acontecia em um amplo salão que permanecia aberto e oferecia à comunidade a liberdade de acesso: entrar e participar ou sair e ausentar-se do trabalho musical. No decorrer do encontro, por solicitação dos estagiários as pessoas levantavam, movimentavam os corpos e dançavam de mãos dadas. Além da formação do grande grupo, foi comum a formação de um subgrupo que agregava as pessoas que optavam por permanecer no ambiente sem se inserir no grupo maior. Essa formação caracterizou o que aqui foi chamado por “grupo periférico”, constituído por pessoas que assistiam os encontros sentados ou deitados nos sofás e cadeiras que margeavam o salão.

A prática da Musicoterapia Comunitária, segundo Pavilecevic (2004), foi descrita como constituída por espaços distintos que a autora chamou de “grupo de fora e grupo de dentro”¹ (p. 42). Observou-se, na comunidade aqui estudada, essa mesma organização geográfica dos grupos a qual passou a ser denominada por “grande grupo” e “grupo periférico”. Essa distinção espacial não é determinante da maior ou menor participação das pessoas na atividade. Tanto o grupo de fora como o de dentro pode apresentar envolvimento, atenção e cumplicidade, conforme observado por Pavilecevic e pelas autoras desta pesquisa.

¹ Tradução das autoras.

Na metade dos encontros observados houve o convite, por parte dos estagiários, para a formação de um círculo concêntrico à formação original do grupo, com o intuito de realizar atividades corporais associadas ao caminhar, dançar, ficar em pé, movimentar o corpo durante a realização da música. No entanto, quando estavam sentados, a postura corporal dos participantes, na maioria das vezes, era de pernas cruzadas e com os seus pertences como bolsas, malas, sacolas, posicionados ao lado da cadeira que escolhiam para se sentarem. As mulheres ficavam com as bolsas no colo durante todo o encontro. Os participantes batiam palmas durante as músicas.

Expressão Afetivo-Emocional

A expressão afetivo-emocional observada nos encontros foi constituída pela voz embargada, risos e choro dos participantes. Enquanto as músicas eram executadas pelo grupo e pelos estagiários, as mães trocavam carinhos e olhares com seus filhos. Quando os filhos eram de colo, as mães os acariciavam e os amamentavam. Nas suas falas, os participantes mencionavam com freqüência a palavra “saudade”. As pessoas falavam da saudade de casa, da família, do trabalho, da rotina cotidiana que haviam deixado nas suas cidades enquanto estavam no albergue em tratamento de saúde.

O processo musical que acontecia nos encontros e que a comunidade acompanhava cantando, foi entremeado por expressões afetivas e emocionais dos participantes. Emoções associadas a eventos tristes ou alegres relativos às lembranças de suas vidas suscitavam a voz embargada, risos e algumas vezes o choro. A voz embargada foi emitida em momentos nos quais os participantes relatavam a situação de saúde na qual se encontrava. Também foram observadas manifestações de carinho e afago das mães em relação aos seus filhos. Relatos de saudade surgiram nos momentos em que as pessoas falavam sobre seus lares, sua família e amigos que se encontravam nas suas cidades de origem.

Chagas (2005) discutiu, em reflexões que articularam conceitos de saúde e prevenção de enfermidades na sociedade contemporânea, a possibilidade que os musicoterapeutas latino-americanos têm de dirigir sua prática para reais ações de promoção da saúde. A autora comentou que as pessoas em suas vidas juntam “suas histórias”, suas recordações, suas canções e afetos de forma imaginária, em diferentes imagens e narrativas. Essas são maneiras criativas de expressão de vida e podem ser

direcionadas pela comunidade para a concretização de fatores psicossociais que promovam o bem estar, como foi observado nos dados cima descritos.

Expressão Musical

A expressão musical dos encontros foi caracterizada por ofertas de canções por parte dos estagiários para a comunidade. Com esta iniciativa os participantes se sentiam à vontade para a solicitação de canções e pediam músicas para que os estagiários executassem.

Durante a execução das músicas os participantes as acompanhavam com percussão rítmica de seus corpos, com palmas e balanceavam seus corpos para a marcação dos ritmos. A interação dos membros da comunidade por meio da execução instrumental se concretizou com participação de pessoas que sabiam tocar algum instrumento, geralmente violão ou pandeiro, e que apresentavam peças musicais para o grupo.

A expressão da comunidade cantando canções em uníssono foi a manifestação que predominou nos encontros. Pavlicevic (2004) descreveu essa participação sonora musical grupal como uma forma “diferente de se estar junto”² (p. 44). Esta ação acontecia quando os participantes cantavam sendo acompanhados pelos estagiários. A voz cantada esteve presente em todos os encontros e houve a participação da comunidade em todas as músicas. Quando, a pedido dos membros do grupo, alguma música foi executada somente por parte dos estagiários, as pessoas não cantavam, somente assistiam, caracterizando a audição.

Observou-se que em todos os encontros o grande grupo correspondeu acompanhando as canções com a voz, ou seja, cantando junto, percutindo ritmicamente os seus corpos e batendo palmas. Essas manifestações também foram encontradas por Pavlicevic (2004) que interpretou a expressão da musicalidade grupal como uma ação associada à saúde e ao relaxamento.

A comunidade solicitou, aos estagiários, canções que pareciam estar relacionadas às vivências de seu cotidiano. Essas canções tinham cunho religioso ou sertanejo. Como um dos estagiários era de origem mexicana e havia oferecido ao grupo uma canção de sua cultura, esta música voltou a ser executada em todos os encontros

² Tradução das autoras.

observados, por solicitação dos membros do grupo. Os momentos em que o grande grupo permaneceu em atitude de audição foram aqueles em que a canção “La Bamba” foi executada por esse estagiário.

As canções que se repetiram nos quatro encontros e que formaram o repertório básico dos grupos foram as seguintes: La Bamba, Mocinhas da cidade, Asa Branca, Oração da família, Pinga ne mim, Tocando em frente, Felicidade, Panela Velha, Moreninha Linda, Luar do Sertão, Chalana e cirandas do folclore brasileiro .

Reflexões Finais

Esse trabalho mostrou o resultado da observação de quatro encontros de Musicoterapia realizados em uma Instituição que albergava pessoas em tratamento de saúde. Os elementos observados foram estudados sob a ótica da Musicoterapia Social Comunitária. Essa perspectiva colocou em lente os fatores psicossociais presentes no decorrer da convivência grupal mediada pela música. Entre estes foram ressaltadas a expressão verbal, a expressão corporal, a expressão afetiva e emocional e a expressão musical.

Quanto às expressões verbais, desse grupo, percebeu-se que os diálogos e conversas estavam sempre presentes e que tratavam de assuntos superficiais ou “conversas sociais”. Quando as atividades musicais mediavam a comunicação entre os membros da comunidade os temas que surgiam afastavam-se das “conversas sociais” e abrangiam reminiscências, associações a fatos anteriormente vivenciados. A música foi o elemento que propiciou o diálogo autêntico entre a comunidade.

As expressões corporais observadas revelaram que as pessoas se apegavam aos seus pertences e os carregavam pelo albergue, embora habitassem um ambiente em comum e cruzassem com seus companheiros de hospedagem no dia a dia. As atitudes corporais mostraram certa tensão que se traduziu em posturas de pernas cruzadas, bolsas no colo e bagagem ao lado da cadeira. Percebeu-se a constante formação de um grupo periférico em relação ao grande grupo. Esta formação não impedia a participação efetiva das pessoas embora estivessem em diferentes “posições geográficas” na atividade. No decorrer das execuções musicais os participantes batiam palmas para acompanhar o ritmo das canções.

As expressões emocionais afetivas do grupo se manifestaram na voz embargada quando falavam da saudade da família e da situação. Quando esses assuntos eram tratados após a expressão musical a voz soava no seu tom natural.

A participação da comunidade na produção sonora dos encontros caracterizou-se pela interação das participantes executando instrumentos musicais e cantando. Estas manifestações aconteceram tanto nas canções propostas pelos estagiários quanto nas canções solicitada pelo o grande grupo. Palmas, balanceios corporais, percussão rítmica com os corpos, voz cantada foram elementos presentes nas interações sonoras e musicais do grupo.

A música estimulou a produção de lembranças pessoais, além de proporcionar a interação entre a comunidade. Os hóspedes da casa, apesar da convivência diária, não trocavam informações sobre suas vidas fora do ambiente terapêutico e na Musicoterapia isso se tornava possível, mediado pela música.

O estudo dos dados mostrou que o grupo observado se fortaleceu na vivência verbal, corporal, afetivo-emocional e musical em uma abordagem musicoterápica aberta e de encontros únicos como a realidade aqui estudada. A adesão da comunidade foi geral, não houve restrições quanto à idade, gênero, condições de saúde, desempenho físico e cognitivo. A Musicoterapia foi oferecida a toda a comunidade e a própria comunidade foi sujeito e protagonista do trabalho.

A comunidade encontrou nas ações musicoterapêuticas estratégias que corresponderam às suas demandas frente à realidade que vivia na casa. O suporte psicossocial que encontraram no fazer musical foi confirmado pela permanência das pessoas no trabalho grupal mesmo que a liberdade de ir e vir fosse um fator permanente no decorrer dos encontros.

Os fenômenos estudados até agora revelaram algumas peculiaridades do trabalho da Musicoterapia comunitária. Embora seja uma exposição ainda exploratória, pretende-se com esta construção colaborar com aportes que sensibilizem o leitor para a percepção dos elementos que articulam as ações musicoterapêuticas em um ambiente comunitário.

REFERÊNCIAS

BERNARDES, Jefferson de Souza. História. In: **Psicologia Social Contemporânea**. Marlene Neves Strey (org.). 10ª ed. Petrópolis : Vozes, 2007.

BRUSCIA, K. **Definindo Musicoterapia**. Segunda edição. Rio de Janeiro: Enelivros.2000.

CHAGAS. M. Reflexiones sobre la sociedad, riesgo e salud. Que será que me da? In: **Salud, Escucha y Creatividad**. P. PELLIZARI, R. Rodríguez (orgs). Buenos Aires: Ediciones Universiad Del Salvador, 2005. pp.151-158.

CHAGAS, M. **Musicoterapia: desafios da interdisciplinaridade entre a modernidade e a contemporaneidade**. Dissertação de mestrado. Orientador: Dra Rosa Maria Leite Ribeiro Pedro. UFRJ/EICOS, 2001.

CHAGAS. Marly. **Reflexiones sobre la sociedad, riesgo e salud. Que será que me da?** In: Salud, Escucha y Creatividad. P. PELLIZARI, R. Rodríguez (orgs). Buenos Aires: Ediciones Universiad Del Salvador, 2005. pp.151-158.

CUNHA, Rosemyriam. **Musicoterapia Social**. Palestra apresentada no XII Simpósio Brasileiro de Musicoterapia em 2006. Goiânia: Disponível em: http://www.sgmt.com.br/anais/p09palestras/Mesa08_p3_RosemyriamCunha.pdf
Acessado em: 27/10/2009.

FURUSAVA, Gisele Célia. **Setting Musicoterápico: da caixa de música ao instrumento musical**. São Paulo: Apontamentos Editora, 2003.

LANE, Silvia, T. M. **Psicologia Social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PAVLICEVIC, M. Learning from Thembaletu: Towards Responsive and Reponsible Praticce In: **Community Music Therapy**. Em Community Musico Therapy. PAVLICEVIC, M. and ANSDELL, Gary (orgs). United Kingdom: Jessica Kingsley Publishers, 2004. pp 35-47.

PELLIZARI, R. Rodríguez (orgs). **Salud, Escucha y Creatividad**. Buenos Aires: Ediciones Universiad Del Salvador, 2005